

Americanos podem investir mais

As empresas norte-americanas poderão investir este ano no Brasil cerca de US\$ 100 milhões, o que representará um crescimento de aproximadamente 200% em relação ao que foi aplicado em 1986. Do total previsto para 1987, cerca de US\$ 40 milhões já estão comprometidos, segundo o presidente da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, David Benadof, que considerou um fato isolado a decisão da General Motors de congelar seu programa de inversões aprovado no ano passado.

Para a retomada dos investimentos externos e internos, Benadof julga indispensável a definição de um programa realista de ajustamento da economia. O plano não terá, necessariamente, que ser aprovado pelos credores ou pelo Fundo Monetário Internacional, mas será essencial para a renegociação da dívida externa.



R. Manente

Benadof: ajustes

Esse plano básico, na sua opinião, deveria eliminar alguns obstáculos que inibem os investimentos, dando maior flexibilidade à política de reserva de mercado, reduzindo a intervenção do Estado na economia, estimulando a entrada de capital externo e assegurando maior estabilidade às regras do jogo. No setor público da economia, será fundamental o controle do déficit, não necessariamente com corte de pessoal, mas com maior eficiência dos serviços.

APOIO AO CRESCIMENTO

Benadof disse que apóia totalmente a posição do presidente Sarney de não sacrificar o crescimento econômico no processo de renegociação da dívida. A saída para o Brasil, segundo ele, terá que passar pelo crescimento, e não por medidas recessivas. Para isso é indispensável

que os credores concedam novos financiamentos.

Sem discutir a maneira como foi decidida a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, Benadof disse que considera acertada a posição realista do governo brasileiro de demonstrar que, sem aumento do superávit comercial e sem empréstimos novos, não poderá continuar honrando o serviço da dívida. Ele não se surpreendeu também com a posição dos banqueiros, que continuam exigindo o pagamento em dia.

Essas duas posições extremas, segundo o presidente da Câmara Americana, são compreensíveis no início de um processo de negociação. Elas não significam, porém, que haverá um confronto. "Certamente vamos chegar a um acordo, porque é isso que interessa às duas partes", disse Benadof.